

Alvito, você atuou um certo período na área de história antiga, e gostaria que você nos contasse sobre sua experiência na área de antiga, qual era seu objeto de pesquisa e suas perspectivas com relação ao trabalho de historiador.

Na verdade, comecei a atuar em Antiga em 84, passei em um processo de seleção para cá, o que para mim na época foi uma zebra, porque eu tinha apenas a graduação, não havia nem recebido o diploma, e eu me lembro que, durante a entrevista, um dos membros da comissão examinadora da banca me perguntou por que eu queria ser professor de história antiga, no caso. E eu respondi a ela, professora que atualmente está aposentada, professora Maria Paula Graner, o seguinte: que eu era apaixonado por história antiga, particularmente por história da Grécia, e que eu não morreria, ou pretendia não morrer, se fosse possível, antes de ter visitado a Grécia, o que eu depois tive a felicidade de poder fazer duas vezes. Então, o que me levou à área de história antiga não foi uma preocupação de

pesquisa, ou um projeto de pesquisa que eu tivesse desenvolvido, até por que a universidade era muito diferente há vinte anos, não havia esse grau atual de profissionalização da pesquisa que nós temos hoje. Só para você ter uma idéia, eu fui o primeiro a defender uma dissertação de história antiga aqui na uff, antes da criação do mestrado em história antiga, eu entrei para um mestrado em história do Brasil, eu fiz prova de história do Brasil, não sei como passei, e, fiz minha dissertação em Antiga. Foi mais por paixão do que propriamente um interesse despertado durante uma monografia, que não havia na época também, era só o projeto de pesquisa, você não fazia monografia. Não havia tantos professores pesquisando na Área de Antiga, não havia tanto financiamento por parte das agências, não só para Antiga, mas para o restante, era outro panorama, foi por pura paixão. E se você perguntar quando começou essa paixão, eu acho que começou na sétima série, quando minha professora, dona Orquidéa, pediu que nós fizéssemos um trabalho individual, e eu me lembro que na sétima série, eu não sei quantos anos



Entrevista com o professor Marcos Alvito, Dr. Em Antropologia Social pela USP. Autor da obra: "As cores de Acari".

eu deveria ter, não sei, uns treze... talvez, por aí, treze anos, não é isso? Eu me lembro de estar na biblioteca de Copacabana fazendo um trabalho sobre Atenas e Esparta. Curiosamente, depois, o primeiro livro que eu escrevi foi sobre a guerra na Grécia Antiga, onde faço uma comparação entre Atenas e Esparta, e depois acabei me tornando professor de história antiga. Mas eu não digo que a paixão tenha surgido naquela época, só despertou realmente na graduação em comunicação que eu fazia na Puc, em que eu comecei a ler as obras de Platão, e foram os diálogos de Platão, aquela coisa toda da morte do Sócrates, aquilo me apaixonou de vez, e foi aí que me apaixonei por história antiga, não foi uma trajetória de pesquisa, foi uma trajetória de paixão, mais do que qualquer outra coisa.

E suas perspectivas com relação ao trabalho de historiador na época, até porque você chegou a citar as diferenças entre a universidade no período e a universidade hoje em dia, a questão da pesquisa, que já não era ...

Você diz a pesquisa em Antiga especificamente?

Aliado o período em que você começou a pesquisa em história antiga, depois que você passou para a

cadeira de Antiga e as suas perspectivas com relação ao trabalho de historiador, em termos de atuação, de relevância...

Quais eram?

Isso, e você poderia compará-los também com os atuais, se for o caso...

Olha, na verdade, eu entrei aqui como professor em 84, mas só entrei no mestrado em 86, o que mostra que não tinha grande preocupação com a pesquisa naquele momento, minha grande paixão, além de Grécia Antiga, sempre foi a sala de aula. Mas aí, eu comecei a pesquisar sobre ... com o fato de eu ter passado, obviamente veio uma outra responsabilidade, e eu posso dizer que eu comecei a pesquisar, primeiro para dar aula, mas depois ... especificamente em 86 que eu comecei, realmente, a pesquisar ... o tema "Atenas e a invenção dos bárbaros". Eu acho que a minha preocupação ... eu vou, se os deuses permitirem, os gregos e os outros, eu vou completar vinte anos como professor da casa, aqui, da Uff, e nesses vinte anos eu diria que a minha preocupação não mudou. Eu posso ter saído da área de história antiga, mas a minha preocupação sempre foi a mesma, eu sempre vi no curso de história, em qualquer curso que eu ofereça, seja lá qual for o tema, uma maneira de tentar

construir um pensamento crítico que permita o aluno entender melhor o mundo em que ele vive, e eu continuo achando, apesar de afastado da área de história antiga, que é muito importante a história antiga nesse processo. Acho que tem livros, como o do Moses Finley, por exemplo, *Democracia antiga e moderna*, em que através do estudo da democracia antiga comparada com a democracia contemporânea, a gente entende muito melhor o funcionamento da política hoje, por exemplo. E haveria outros ... milhões de outros exemplos, posso citar o exemplo da minha própria pesquisa lá em Acari, onde o estudo da Atenas clássica foi importante para eu entender uma favela carioca na década de 90, e foi realmente importante, quem quiser perceber isso basta ler o capítulo zero, do livro, que está lá no portal www.opandeiro.net, em que eu conto essa experiência, como eu saí da ... se chama “Atenas – Acari via Estácio”, e onde claramente está colocado, onde a teoria da honra e da vergonha, onde o papel da mulher na sociedade, tudo isso eu pude entender melhor a Acari, a favela carioca, brasileira, através de teorias e informações que eu tinha sobre a Antiguidade. Eu diria que em Antiguidade, dando aula sobre favela, ou sobre pós-modernidade, ou sobre futebol, como eu estou dando aula hoje, eu acho que a preocupação do historiador, do cientista social, de todo

aquele que desenvolve um trabalho de pesquisa, um trabalho intelectual, é compreender melhor o mundo, e para aqueles que estão insatisfeitos com ele, ter instrumentos para modificá-lo. Acho que tem uma frase do Finley que diz assim: “o importante não é estudar o passado, o importante é mudar o presente”. Então o passado é um instrumento, não se estuda o passado por estudar, seja história antiga, seja o que aconteceu há 30, 10, 5 anos atrás, ou o que está acontecendo agora, eu vejo que não tem nenhum propósito metafísico com o meu estudo, eu acho que há um propósito concreto, de compreensão do mundo em que eu vivo, de aumentar a possibilidade de meus alunos entenderem melhor o mundo em que eles vivem também.

E agora, que trabalhos você está realizando, em termos de pesquisa ?

Como eu disse, eu sou um apaixonado pela sala de aula, então, os meus trabalhos de pesquisa acabam sendo um pouco ao sabor do que acontece na sala de aula, mais do que o contrário. Normalmente é o contrário, os professores costumam dar aula sobre aquilo que eles estão pesquisando. Eu começo a pesquisar os assuntos que na

verdade cabem a mim lecionar. Então, recentemente, há quatro anos atrás eu fui convidado a dar aula em uma pós-graduação *lato sensu* sobre segurança pública. Foi talvez o maior desafio da minha vida como professor, porque eu fui dar aula, de repente, para uma turma de 40 alunos, dos quais cerca de 35 eram oficiais da polícia militar, e durante a minha pesquisa em Acari, no meu livro *As cores de acari*, eu falo de uma maneira bastante dura sobre a Polícia Militar, a relação dela com a comunidade, a relação dela com as quadrilhas de tráfico de drogas estabelecidas nas favelas do Rio, e foi uma dúvida enorme que eu tinha, na verdade eu fiquei até com bastante medo, concretamente falando, de dar aula, e acabou sendo uma experiência extremamente interessante, muito enriquecedora, de troca, em que eu não minimizei as minhas críticas, não fiz segredo delas, mas pude conhecer um pouco melhor também o outro lado da história, já que nessas entrevistas que eu fiz em Acari, o trabalho de campo, eu não pude entrevistar policiais, eu só entrevistava os moradores da comunidade, eventualmente alguma pessoa com algum envolvimento com o tráfico de drogas. E por conta disso, eu comecei a desenvolver uma pesquisa provisoriamente chamada de *Histórias Azuis*, em que eu faço entrevistas com oficiais da polícia militar, pretendo

entrevistar praças, mas, por enquanto com oficiais da polícia militar. Eu procuro perceber a trajetória de vida, e particularmente a mudança, o que significa essa mudança de civil para policial, e particularmente policial militar, qual o impacto que a formação deles, na academia da polícia militar, tem sobre a vida familiar, sobre a maneira de ver o mundo, enfim, sobre a forma de se comportar, como é que se criam determinados rituais dentro da própria academia, como rituais de trote, o ritual da relação entre “veterano” e “bicho”, tudo isso de certa maneira vai moldando a maneira desse policial militar ver o mundo, e também dele se relacionar até com a população civil.

Dentro de uma perspectiva mais antropológica.

É, mais de uma perspectiva antropológica, sendo que, obviamente, eu levo em consideração as mudanças, particularmente as mudanças das últimas décadas, do regime militar para cá, os oficiais que eu entrevisto, alguns deles já eram oficiais durante o regime militar, e outros começaram a ser oficiais depois do término do regime militar, que por sinal já foi há 19 anos, pelo menos, já tem quase tanto tempo de fim do regime militar quanto o que durou a ditadura, então, eu procuro tentar perceber também as diferenças entre

essas gerações de diferentes oficiais da polícia militar.

E voltando a essa questão da antropologia, você gostaria de especificar mais alguma razão, ou então aprofundar alguma razão que motivou essa guinada da história antiga para a antropologia?

Foi um processo relativamente rápido, mas em primeiro lugar eu já tinha um outro interesse pela antropologia, tanto que eu fui fazer meu doutorado em antropologia. Um tema era de história antiga, era a comparação entre as mulheres de Atenas e as mulheres de Esparta, quase que a música do Chico Buarque, né, no que tange a apropriação social do corpo feminino, como essas mulheres eram educadas, que tipo de restrições se impunham a elas, que eram completamente diferentes em Atenas e em Esparta. Em Atenas a mulher ficava trancada no *gineceu*, em Esparta a mulher ficava nua no meio da rua fazendo exercícios físicos. Mas isso na verdade deriva da organização social dessas duas diferentes sociedades, aquilo que o Norbert Elias costuma chamar de *figuração*, quer dizer, como estava estruturada a interdependência entre as pessoas naquela determinada sociedade. E fui fazer o doutorado em antropologia, tive ótimos professores de antropologia, particularmente a minha

orientadora, que não era então minha orientadora, eu tinha então uma orientadora de história antiga, que também era ótima professora, mas eu fiquei apaixonado pela antropologia, eu queria a antropologia só como um enfoque, mas ela se mostrou muito mais do que isso, e aconteceram várias coisas, que eu narro no livro, eu fui convidado por um amigo, um ex-aluno, para um projeto em uma penitenciária, para trabalhar como voluntário, inicialmente para observar e depois trabalhar como voluntário, mudei a tese de história antiga para a penitenciária, fui proibido de lá entrar. Mas eu acho que teve um fato decisivo sim, que foi a época em que houve um assalto no Rio Sul, que foi transmitido pela televisão, no qual o assaltante foi pego por dois policiais militares, e um desses policiais, sem saber que a televisão estava filmando, levou o assaltante para trás de um carro, se eu não me engano uma Kombi, junto ao pneu, e executou o assaltante, ali, sem... ele estava absolutamente rendido, só que não foi isso que me fez estudar, o que me fez estudar, me fez me resolver pela mudança, foi a reação que as pessoas tiveram diante daquilo, de várias pessoas conhecidas, queridas, que eu considero pessoas de bom coração, expressaram opinião de que aquilo era correto, e eu achei que o problema da violência estava chegando a tal ponto aqui no Brasil, que

a gente estava correndo um risco muito sério daquilo que Norbert Elias chama de *recuo no processo civilizador*, demorou muito tempo para que a sociedade conseguisse construir a idéia de que deve-se “regrar” as relações entre os seres humanos evitando-se ao máximo possível, excluindo totalmente a possibilidade de violência. Quando uma pessoa está a ponto de aceitar, não qualquer violência, mas a violência mais extrema, que é retirar a vida de um ser humano, eu acho que a sociedade está correndo um perigo muito sério, não é, de uma transformação extremamente doentia e nefasta, e naquele momento, eu não sou político, não sou dirigente sindical, não sou empresário, a única coisa que eu sei fazer é pesquisar, e a única contribuição que eu poderia dar

Agora falando sobre *O pandeiro*, conte como surgiu a idéia para a criação, qual a estrutura de funcionamento do portal, e, também, qual a sua opinião sobre a internet como espaço de discussão e forma de divulgação de produção acadêmica.

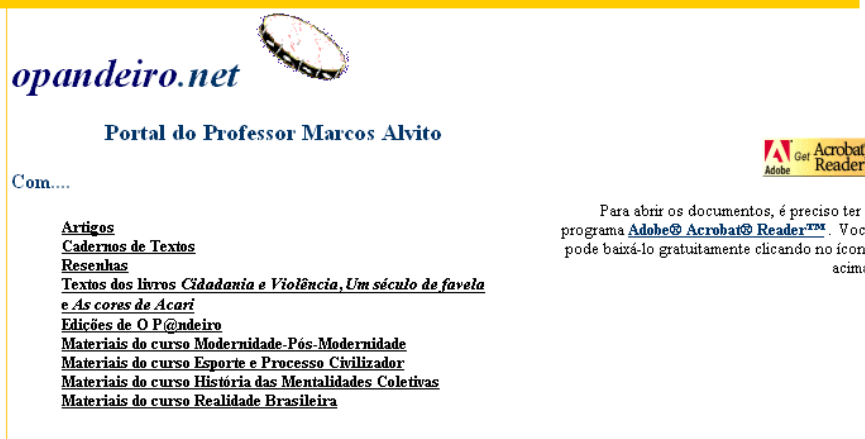
Bom, o que surgiu primeiro foi um boletim chamado *O P@ndeiro*.

Que surgiu independente do portal ...

Quando surgiu, eu nem pensava no portal. O que surgiu foi um boletim, chamado *O P@ndeiro*, durante uma greve, foi uma greve muito complicada, que nós tivemos há alguns anos atrás, que dividiu bastante a universidade, os que eram a favor a greve, os que eram

contra, os que queriam furar a greve, e por aí vai. E, inspirado no professor Moacir Cyrne, que sempre editou um jornal chamado *O Balaio*, que ele distribuiu durante a greve, eu

resolvi dar a minha opinião sobre a greve também, e como eu sou apaixonado por samba e toco um pouquinho de pandeiro, eu resolvi chamar o boletim, para não levar a sério, para não ficar uma coisa pesada, eu resolvi chamar de



opandeiro.net

Portal do Professor Marcos Alvito

Com...

- [Artigos](#)
- [Cadernos de Textos](#)
- [Resenhas](#)
- [Textos dos livros *Cidadania e Violência, Um século de favela e As cores de Acari*](#)
- [Edições de *O P@ndeiro*](#)
- [Materiais do curso *Modernidade-Pós-Modernidade*](#)
- [Materiais do curso *Esporte e Processo Civilizador*](#)
- [Materiais do curso *História das Mentalidades Coletivas*](#)
- [Materiais do curso *Realidade Brasileira*](#)

Para abrir os documentos, é preciso ter o programa **Adobe® Acrobat® Reader™**. Você pode baixá-lo gratuitamente clicando no ícone acima.

Aparência parcial do portal “O Pandeiro”, editado pelo professor Marcos Alvito

seria com a pesquisa, então, mergulhei nessa pesquisa, inicialmente na penitenciária, depois fui proibido, e aí, naturalmente, depois, eu acabei passando para o estudo da favela.

O P@ndeiro, porque o pandeiro você toca o pandeiro, faz o barulho, passa sua mensagem e não deixa marca. Comecei inicialmente xerocando *O P@ndeiro* e distribuindo durante as assembléias, mas logo depois me ocorreu a idéia de que existindo o e-mail eu poderia pegar o e-mail das pessoas e mandar por e-mail. Até por que se elas gostassem, ou se elas não gostassem muito, elas poderiam mandar para os amigos, para os inimigos, seja lá para quem fosse, e eu comece a pedir às pessoas que me dessem o e-mail, quem estivesse interessado em receber *O P@ndeiro*, de início eu até mandei *O P@ndeiro* para todo mundo, do Departamento, por que eu achava que fazia sentido, depois eu parei de fazer isso e resolvi mandar *O P@ndeiro* só para aqueles que realmente tinham interesse em receber. Mas não tem absolutamente periodicidade, uma coisa que eu escrevo quando realmente tem um assunto que me dá muita vontade de escrever, às vezes eu sinto muita vontade de escrever, mas acabo não escrevendo por que eu não tenho tempo, às vezes escrevo dois, três em dias seguidos, não é um ... é uma coisa para expressar minha opinião, não é? Um espaço, para expressar minha opinião. E aí, o que aconteceu? Aconteceu que minha mulher fundou uma ONG, *Comunidades Catalisadoras* (www.comcat.org), que é um portal na internet, para ajudar

comunidades a trocarem experiências de solução de problemas comunitários, e ela lida muito bem com essa coisa de internet, e eu falei para ela, puxa, eu era louco para ter um portal, o portal do *O P@ndeiro*. Para eu colocar todos os números do *Pandeiro* lá, para botar outras coisas dos meus cursos, então foi por causa do *O P@ndeiro*, e também primordialmente por causa da sala de aula. Eu coloquei praticamente o livro todo, *As cores de Acari*, lá, e vários artigos que eu produzi, todos os números de *O P@ndeiro*, e os programas dos cursos, fontes primárias que eu uso nos cursos, e eventualmente uma ou outra entrevista. Estou dando um curso de globalização que tem uma entrevista interessante, com o Zygmunt Baumann, eu coloco lá, enfim, como um instrumento didático também. Eu acho que nós estamos atrasados, a meu ver, deveria ter uma maior utilização da internet como recurso didático. Mas é a tal coisa, enquanto a Universidade não disponibilizar para todos os estudantes um acesso rápido, eficiente e gratuito à internet, fica difícil você utilizar a internet como instrumento, você não pode privilegiar os alunos que têm acesso à internet, você pode colocar como um instrumento complementar, mas não como algo que faça parte, algo que seja uma parte da estrutura física do curso. As possibilidades são incontáveis, por exemplo: outro dia eu estava

conversando com um amigo dizendo que eu tinha muita vontade de discutir literatura, eu gosto muito de textos de ficção, de romance, de vários tipos, de ficção científica, policial, outros, e eu dizia que é muito raro você conversar sobre literatura com alguém, porque você não sabe nunca quais os livros que a pessoa leu, quais os livros que você leu, então é melhor você estabelecer um fórum, dizer, olha, vamos ler o livro tal, discutir isso ... aí um dia, por acaso, eu estava consultando, procurando um livro na internet, na verdade, saiu um endereço, www.sparknotes.com, que é um endereço ligado a uma livraria grande na internet, a *Barns & Nobles*, que é um endereço de debates, que tem um *message board* lá, um quadro de mensagens, que as pessoas discutem os livros, então, eu entrei para ver se tinha alguma coisa sobre um livro que eu adoro, que é o *Middlesex* do Jeffrey Eugenides, um americano de origem grega, e tinha lá uma porção de comentários de pessoas, e eu mandei meu comentário também! Eu acho que internet hoje ... as possibilidades são ilimitadas, agora, elas só não são ilimitadas porque os nossos recursos são muito limitados, o nosso acesso é limitado, eu gostaria de poder utilizar mais, mas enquanto isso, eu vou colocando no meu portal os programas. Eu sou professor de uma universidade pública, o meu dinheiro ... o dinheiro do

meu pagamento vem de recursos públicos, ou seja, ele é fruto do trabalho de todos os brasileiros, então, eu acho que tudo o que eu faço, devo fazer da forma mais pública possível. Minhas aulas são abertas a todos, quem quiser assistir minhas aulas pode assistir, é óbvio que o número de inscritos é uma outra coisa, a correção de trabalhos você tem que limitar, mas assistir, eu nunca neguei a ninguém a possibilidade de assistir minha aula, porque aquilo é uma prestação de contas, eu coloco lá os programas, as bibliografias, as leituras, eu acho que é um instrumento absolutamente fantástico que a gente deveria utilizar mais, eu por exemplo já sou de uma geração ... quando eu nasci não tinha internet, demorou um bocado de tempo, quando a internet surgiu eu já era grandinho, já estava aqui na universidade, já era professor, e tal, mais ou menos na mesma época, mas aqui na História demorou muito tempo para chegar. E se não fosse, no caso, minha mulher ter essa experiência, não seria tão fácil para mim, eu até sei colocar os artigos lá no portal, mas eu construir um portal seria muito mais difícil, eu acho que deveria haver um mecanismo da Universidade, de permitir... hoje em dia não é só para o Departamento, cada um dos professores, mas isso está avançando, né, nos laboratórios, já tem, você tem uma revista como a *Cantareira*, que é uma revista eletrônica, que já

existe há algum tempo ... mas isso é um caso em que com certeza os alunos estão muito à frente dos professores, eu pelo menos tento ficar aí não tão atrás. O portal é isso, quer dizer, qualquer coisa que der na telha eu coloco lá, de repente eu coloco as fotos de Acari, um manifesto, eu acho que é isso, um espaço que você tem. Eu nem sei se alguém visita ... eu nem coloquei marcador lá, mas pelo menos eu estou fazendo minha parte, se alguém quiser ver ... pode ver!

No trabalho *Um século de favela* você tratou de um esquema dualista de interpretação da cidade onde a favela é contraposta a todo resto. Gostaríamos que você explicasse um pouco mais o assunto

É, durante muito tempo, isso até se expressa nas músicas, tem até um artigo no livro da Jane Souto e Hortense Mercier, que fala sobre isso, durante muito tempo a favela foi vista como uma espécie de excrescência, um câncer, um apêndice doentio da cidade. Ela não era vista como parte da cidade, você opunha favela e cidade, em termos, inclusive, de valores, na cidade moraria gente honesta, decente, na favela só morariam

os bandidos, os viciados, as prostitutas ... é incrível, uma noção absolutamente fantasiosa, porque boa parte da população carioca, depois da década de 40, particularmente, mora em favela, hoje em dia mais de 40%, talvez, mora em favela. Como é que 30, 40, ou mesmo 15% da população seria constituída por bandidos, pessoas decrépitas, sem moral, obviamente a sociedade carioca não se manteria se fosse assim, com um número tão grande de seres anti-sociais a habitando. E, essa oposição cidade – favela, eu comecei a perceber que ela estava internalizada, nos próprios moradores do asfalto, hoje em dia, com a terminologia favela-asfalto, que continua a ser absurda, pois hoje em dia existe asfalto em muitas favelas, muitas favelas são asfaltadas, urbanizadas, e etc., e, se

você pegar uma coisa assim, os moradores de favela em sua imensa maioria são trabalhadores, mesmo que muitos hoje em dia estejam desempregados, não por gosto, eles são trabalhadores, eles contribuem com o seu trabalho, eles pagam impostos, porque no Brasil, se você comprar uma caixa de fósforo você paga imposto, se você comprar sal você paga imposto, então eles estão pagando impostos, estão movimentando a economia da



Um século de favela. A autoria de Marcos Alvim com Alba Zaluar. Editado pela FGV

cidade, né, eles fazem parte totalmente da comunidade política, não há sentido você falar que a favela é uma coisa e a cidade é outra coisa. Vou dar um outro exemplo: na década de 80 ... a década de 80 foi considerada a década perdida. Os economistas falavam, o Brasil não cresceu, foi a primeira década depois da década de 70, né? Foi em 74 que o Brasil realmente parou de crescer, houve a crise do petróleo, depois a crise da dívida externa, houve a transição para a democracia, o fim da ditadura, e o país realmente não cresceu, e essa década foi chamada de perdida ... espero que daqui a cem anos não chamem esse século que começou em 1980 até 2080 de o século perdido, mas do jeito que vai... é, mas no Rio de Janeiro você teve uma enorme explosão da venda de material de construção, durante a década de 80. E os economistas ficaram loucos... por que? Porque a construção civil é um dos índices mais importantes da

atividade econômica, imediatamente quando o sujeito tem dinheiro, por que é uma necessidade muito grande você comprar uma casa, você começar a construir uma casa se você tiver o terreno... só que a construção de

apartamentos na zona sul, ou na zona norte, ela estava parada! E quem estava comprando aquele material? Quem estava comprando era o morador de favela, por que? Porque no final da década de 70, o governo, ainda na ditadura militar, decidiu suspender o processo de remoção de favelas, que foi, até 75, mais ou menos. Quando eles dão o primeiro sinal, para os moradores das favelas, de que eles iam poder ficar nas suas casas, os moradores que até então construíam em madeira, para o prejuízo ser menor e eles poderem se mudar de um lugar para o outro, eles passaram a erguer suas casa com tijolo, cimento ... de alvenaria, passaram tudo para a alvenaria. Então você imagina, todas as favelas do Rio de Janeiro, todo mundo comprando tijolo, todo mundo comprando areia, eles mesmo são operários da construção civil, muitos deles, tem experiência, quem não tem, tem coragem, tem braço, tem terra, e

*Acari -
fotografia
feita pela
prefeitura
do Rio de
Janeiro*



aí... ora... aquilo que movimentou a economia do Rio de Janeiro, não foi a economia da favela sozinha que foi movimentada... do ponto de vista político, do ponto de vista econômico, do ponto de vista social, do ponto de vista de valores, quantas gírias saem das favelas, chegam na cidade, a outras partes da cidade, e de forma inversa, quantas modas são inventadas na zona sul, em Acari você tinha rês lojas de *surfwear*, e Acari fica a mais 30 quilômetros do mar, e você tinha três lojas de *surfwear*! Só faltava você ter prancha vendendo em Acari! E o rio Acari não tem onda ... então, não dá para falar em favela e cidade, é um dualismo absurdo, e que entretanto persiste ainda na cabeça e muita gente ... ah, tem a favela e tem a cidade ... e não tem! Tem uma cidade que tem favela, loteamento, condomínio de luxo, segurança, apartamento de classe média alta, apartamento conjugado, todos nós fazemos parte daquela cidade, fazemos parte da mesma sociedade, e em última instância fazemos parte do mesmo planeta.

Cidade do Homens, seriado de grande audiência, exibido pela tv globo, cujas histórias giravam em torno das experiências cotidianas de dois adolescentes moradores de favela

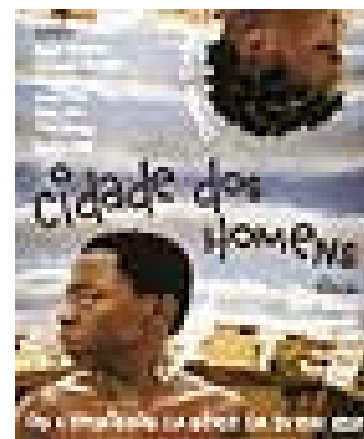
Recentemente em um dos últimos capítulos de “Cidade dos homens” uma das atrizes reproduziu o velho jargão de que os únicos que gostam da pobreza são os cientistas sociais (historiadores, sociólogos, antropólogos) para em um momento

posterior desconstruir esta idéia. Este parece ser com certeza um dos efeitos da aproximação da área de humanas, é bom dizer, ainda muito tímida. O que você percebe como avanço para o imaginário da cidade nas recentes construções sobre a favela, tal como: comunidade carente em abandono à categoria de favelado?

Olha, na verdade, eu não gosto de nenhuma das duas. A categoria de favelado reifica uma situação geográfica, uma situação habitacional, que é o fato do cidadão morar na favela, e transforma isso em uma espécie de substância, imaginando-se que o “favelado” tenha determinado comportamento, e por aí vai.

Ela, bem obviamente, então não precisa nem ser comentada.

Mas é um estereótipo dos mais nocivos. A categoria “comunidade carente” também é um estereótipo, por que ela também é um estereótipo? Porque quando você descreve essa comunidade partindo do que ela não tem, ou do que ela tem em um grau menor, em relação a outros locais da cidade, você está descrevendo essa comunidade de uma maneira

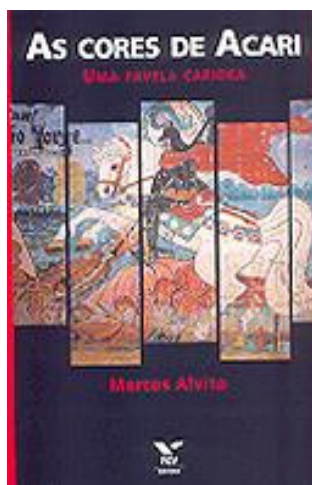


errada, imagina se eu te descrevesse e dissesse assim: ele não tem três orelhas, ele não tem dois narizes, ele não tem cabelo comprido, ele não está usando terno e gravata ... eu não estou te descrevendo. Eu na verdade estou te comparando desfavoravelmente a um outro modelo. A descrição comunidade carente, que acentua a idéia da pobreza, que também acentua uma espécie de piedade cristã com relação a essas comunidades, ela é extremamente nefasta também. Por que de um lado a idéia do favelado como classe perigosa, do outro lado, comunidade carente é a idéia do pobre como coitadinho. Quando você vai examinar a história dessas comunidades, você percebe que eles construíram suas casas, eles fizeram as ruas onde eles moram, eles colocaram a maior parte das vezes a tubulação de água e esgoto, eles muitas vezes instalaram o primeiro sistema precário de luz, eles lutaram para se manter ali, eles fizeram festas de arrecadação de fundos, se organizaram em associações, mobilizaram políticos, e além disso eles ainda trabalhavam! Eu prefiro usar o termo favela, por que historicamente define uma comunidade, não adianta eu falar comunidade carente ou comunidade, que as pessoas vão falar: favela. Não adianta só falar o termo politicamente correto, porque as pessoas automaticamente vão traduzir. Comunidade carente eu não que seja

acho politicamente correto, mas se você retirar o comunidade carente e só chamar de comunidade, é errado comunidade. Por que é errado comunidade? Porque continua a trazer essa idéia de que aquele lugar é isolado em relação a outros, e que não é! Aquilo é uma parte da cidade, uma parte que historicamente se chamou favela, e se isso aspectos negativos, tem positivos também, por que a favela lutou para permanecer ali. Muitos líderes de favela também acham isso, o Itamar Silva, por exemplo, do Santa Marta diz que prefere o nome favela, não gosta de comunidade carente, acha comunidade meio estranho. Teve uma líder comunitária que disse uma vez, em uma conversa: "Ah, comunidade é para inglês ver, é favela!". Eu acho que ... eu prefiro o termo favela, e prefiro a expressão morador de favela! Ou que mora na favela, aquele que mora na favela. Eu acho que isso seria o mais correto, agora, aquilo que você está falando da questão da aproximação com a academia, hoje é muito interessante essa aproximação, você já tem muitos moradores de favela que se tornaram universitários, tem alguns que já criaram ong's, que já estão desenvolvendo trabalhos, se voltando para as comunidades para desenvolver trabalhos, tem outros que estão aí, na academia, como o Jaílson, do Ceasm, criando centros de estudo, de pesquisa

sobre a favela, que ao mesmo tempo são organizações de cunho cultural, de cunho político ... eu acho que está havendo uma aproximação, mas ainda é uma aproximação muito lenta, eu acho que é um ponto significativo que eu tenha sido o primeiro professor, do Departamento de História, que na época já existia há quase trinta anos, eu acho, se eu não me engano, o primeiro professor a defender uma tese, um mestrado, no meu caso foi uma tese de doutorado, nem mestrado, sobre o tema da favela, dentre os professores do Departamento de História, que são muitos, e a favela já está aí há mais de um século, nós moramos em uma cidade onde a favela surgiu no Brasil. Então é espantoso, eu acho que essa aproximação ainda demora, na antropologia ela já se fez presente há mais tempo, na sociologia, no serviço social, a história está demorando um pouquinho, mas tem sinais já, tem uma dissertação de mestrado muito boa, do Rômulo Matos, que foi aluno da graduação, e fez o mestrado aqui na Uff sobre os primórdios da favela, as representações da favela nos jornais, então foi a primeira dissertação de mestrado sobre favela defendida aqui na Uff.

As cores de Acari.
 Autoria de
 Marcos Alvito,
 editado
 pela FGV.



Em “As cores de Acari”, o poeta Deley fala da presença de estudantes da

PUC, nos anos de 1978/79, sendo que tal presença não foi revertida em nenhum resultado ou melhoria concreta para a comunidade. Deley também faz a seguinte afirmação: “É preciso cuidar para que os doutoramentos sobre a favela sejam armas a favor, e não contra ela como têm sido”. Gostaríamos que falasse sobre o processo de despertar da academia em relação à favela e também avaliasse qual é, e como deveria ser, o papel desempenhado pelos historiadores em relação a este tema.

Olha, hoje em dia está havendo o desenvolvimento de uma série de projetos de memória da favela carioca, como o Favela Tem Memória, que é um site do Viva Rio, mas, antes disso, várias associações de moradores de favela carioca estavam desenvolvendo um trabalho de memória, como por exemplo o próprio CEASM, e no Morro dos Prazeres tem o Casarão dos Prazeres, além de outros lugares onde outros projetos estavam sendo desenvolvidos. Eu, junto com estudantes cheguei a iniciar um projeto, no qual trabalhamos por cerca de um ano, de história oral, onde trabalhamos com

pessoas de terceira idade do morro de São José Operário, que fica no chamado Complexo de São Carlos, sendo que não gosto do nome “complexo”, pois lembra “complexo penitenciário”. E recentemente o Viva Rio fez o primeiro seminário de memória das favelas, que inclusive vai ser publicado em livro, e o que me chama atenção nesse seminário, é o seguinte: quando você tem alguém auxiliando esse processo de organização, de sistematização dos dados, é sempre um cientista social nunca é um historiador. É claro, pois você não tem aula de história da favela. Raramente, você tem. Não é que não haja procura, as vezes em que ofereci história da favela, os cursos superlotaram, tinha gente saindo pelo ladrão, dei uma aula sobre favela que havia 80 alunos inscritos. Entretanto, dentro do curso de história, por exemplo, do nosso curso de história, não é algo muito bem visto, algo que tenha aquilo que o Bourdieu chama de *capital simbólico*. Então, eu acho que está na hora, realmente, dos alunos se engajarem nesses projetos, porque existe uma enorme avenida aberta de projetos possíveis de memória, de história das favelas cariocas, uma história que está por se escrever, sim! Cada comunidade tem sua especificidade, existem comunidades muito antigas que tem “coisas” de história oral muito interessantes,

comunidades que dizem que na verdade são descendentes de escravos, que contam histórias fantásticas, aquelas histórias de assombração, falando que ouvem correntes de escravos à noite em monumentos que foram construídos na época da República, mas que na memória local eles dizem que foram construídos por escravos. É um campo absolutamente fantástico. Agora, em relação ao que o Deley falou, efetivamente o pesquisador vai ali para estudar um determinado processo, que no caso está localizado em uma comunidade, no meu caso uma favela, e o que ele traz? Eu acho que tem aí uma questão ética, não é? Eu, como pesquisador, vou publicar um livro, vou defender a minha tese, vou passar de mestre a doutor, vou receber aumento salarial por isso, vou receber aumento do meu *capital simbólico* por isso, e efetivamente o que a comunidade irá receber, em troca? Eu sempre dizia para as pessoas de Acari ... eu nunca paguei por uma entrevista, nunca emprestei dinheiro, nunca arrumei emprego para ninguém ... e eu sempre dizia: “olha, eu acho que o meu trabalho não vai servir para nada, não vai ajudar em nada”. Eu acho que pode ajudar, minimamente, a compreender melhor a favela. E eu fiquei muito feliz quando soube que uma associação, a FIRJAN, implementou um projeto de geração de renda, criação de postos de trabalho em inúmeras favelas

do Rio de Janeiro. E um dos diretores queria implementar em Acari, porque ele tinha lido o meu livro, *As cores de Acari*. E aí, eu pude perceber a maneira que, eventualmente, aquele estudo pudesse vir a servir uma comunidade. Mas, obviamente, não há uma aplicabilidade direta de muitos estudos científicos. O que o Deley me disse, quando eu tinha terminado a tese e estava em dúvida se aquilo serviria de alguma coisa, foi: “olha, eu acho que nenhuma professora que venha dar aula em Acari e que leia o seu livro vai olhar para um morador, para um menino que esteja sentado ali na sala de aula da mesma forma”. Se eu posso mudar um olhar, eu posso ajudar a entender melhor, eu acho que posso ajudar indiretamente a mudar, mas não tenho nenhuma pretensão estapafúrdia de pensar que você vai escrever e que escrevendo você muda o mundo. Se fosse assim, pessoas muito mais competentes do que eu já o teriam mudado! O que Marx escreveu sobre capitalismo e capital já teriam transformado totalmente a sociedade. É claro que ajudou a transformar sim, é claro que deu muito combustível para a luta, que ainda dá para você entender um a série de coisas, mas não é o escrito, mas o que as pessoas vão fazer com aquilo que você escreveu. O que eu disse para as pessoas da comunidade foi que eu tentei fazer a coisa mais honesta possível, em traduzir o melhor possível

para que outras pessoas entendessem, e se elas se interessarem, elas poderão fazer alguma coisa a respeito. Mas eu não podia prometer que o meu trabalho viesse trazê-las. Eu acho que os universitários têm esse interesse, é óbvio que tem que ter alguma coisa a nível dos professores, de laboratórios, de núcleos de pesquisa. Eu sou um cara altamente “não-burocrático”. Eu não gosto de participar de organização nenhuma, de sindicato, clube, núcleo, laboratório de pesquisa, eu ... mal comparando, são coisas muito diferentes, mas poderia criar ... eu acho que seria interessante criar um laboratório ... laboratório, eu não gosto da palavra porque parece que a gente está torturando ratinho lá dentro, mas, um núcleo de pesquisa, interdisciplinar, entre diversas universidades, para estudar a favela ... eu não fundaria, mas até pensaria em fazer parte ... que permitisse gerar oportunidades para os estudantes, que poderiam se engajar em projetos de pesquisa, poderiam se engajar em uma assessoria de história oral, por exemplo, é uma das possibilidades. Mercado, se abrem mercados, as possibilidades para trabalhar são muitas, inclusive como voluntários, remunerados já é outra história, mas como voluntários são intensas.

No seu trabalho, grande parte da construção negativa sobre estes

espaços radica na relação entre polícia e imprensa. Em que medida isto ainda possui resquícios da ditadura militar?

Quando eu comecei a dar aula para policiais militares, eu comecei a pesquisar um pouco mais sobre a polícia militar, sobre a origem da polícia militar, mais especificamente. E fiquei surpreso pelo seguinte: o buraco é mais fundo do que a gente pensa. É claro que a ditadura militar aprofundou uma série de problemas. É claro que a polícia militar foi treinada e utilizada na repressão aos dissidentes, aos guerrilheiros, aos contestadores, enfim, a todos aqueles que eram vistos como subversivos pelo regime. Só que quando você vai estudar a

*Brasão da
Polícia
Militar do
Estado do Rio
de Janeiro.*



criação da polícia militar, que não foi criada como polícia militar, mas como guarda real de polícia, em 1809, o símbolo, o brasão da polícia militar ... quando eu começo a minha aula com os policiais militares, eu peço a eles que desenhem o brasão da polícia militar. O que você tem no brasão da polícia militar? No brasão da polícia militar, você tem, acima de tudo, a coroa, simbolizando o rei. No caso, o imperador, D. João VI, que criou a guarda real de polícia. Depois, você tem,

abaixo, do lado esquerdo e do lado direito, um ramo de café e uma cana-de-açúcar. No meio, você tem duas garruchas cruzadas, e em baixo você tem escrito “guarda real de polícia, 1809”. Ora, a que remete esse brasão? Em nome do rei, através do uso da força, que é a garrucha, defenderemos o que? Café e cana-de-açúcar eram os principais produtos da época, defenderemos a propriedade. O Brasil era um país escravista. No livro da Leila

Mezan Algranti, *O feitor ausente*, ela mostra as estatísticas do dez primeiros anos de prisão da guarda real de polícia. Nesses dez primeiros anos de prisão, a polícia prendeu 99, 5 % de negros. 0, 5% das prisões da polícia foram de brancos. Então, ela foi criada para ser o feitor ausente. Na fazenda

tinha o feitor, na cidade não tinha, só que a cidade, de hora para outra, em 1808, se transforma na corte. De repente, você tem os nobres, príncipe, rei, todo mundo andando ali no meio de quem? No meio dos escravos, no meio dos libertos, no meio daquela multidão que era vista como ameaçadora. Tinha que colocar a polícia para controlar essa moçada. A guarda real de polícia fazia terceirização de punição. O seu escravo fugia, você ia lá na guarda real de polícia, dava queixa, eles buscavam o seu escravo, prendiam

o seu escravo e davam chibatada nele para você, se você quisesse. Cento e cinquenta réis por cada cem chibatadas. Terceirização da punição. Por tanto, a polícia surgiu assim. A polícia, na Inglaterra, surgiu quando você teve parlamento, eleição, democracia, então, surge o policial para proteger o cidadão, tanto que era o “bobby”, aquele policial desarmado. Porque ele tem o respeito da população, que via nele o representante dos interesses coletivos. A nossa polícia não surge assim, ela surge para defender a sociedade, ela surge para dar porrada na negrada, ela surge para manter o escravo e o negro no seu lugar. Aí você tem todas aquelas leis iniciais da primeira metade do século XIX, depois que houve a revolução do Haiti, onde você vê a classe proprietária entrando em pânico, e você proíbe que qualquer negro esteja na rua depois de 7 horas da noite, se fosse escravo teria que mostrar a licença do seu senhor para estar na rua àquela hora. Você proíbe que mais de três escravos, ou pessoas suspeitas, e quem são as pessoas suspeitas? Fiquem nas tavernas depois de determinado horário. Então foi uma polícia que não foi criada para defender direito de cidadão, foi uma polícia criada para reprimir em benefício da propriedade. Portanto, dizer que a ditadura militar é responsável pela violência da nossa organização policial é fácil. Mas isso surgiu mais de 150 anos

antes do golpe militar. Não estou dizendo que o golpe militar não tenha ensinado requintes de tortura, de espionagem, de seqüestro, inclusive, alguns deles ensinados por militares, que por sua vez foram ensinados e treinados pelos próprios norte-americanos para isso, eu não estou negando esse processo, só acho que o processo é muito anterior, e portanto ele é muito mais problemático, e está totalmente carregado na cultura de uma corporação. Entretanto, há sinais de melhora. A polícia vir até a academia para ter um curso, e ouvir coisas como esse tipo, porque essa é a minha primeira aula para eles, e nunca ninguém me ameaçou, ninguém quis me dar tiro, brigou comigo. Então, há sinais de um desejo de mudanças. Só que a polícia, da mesma maneira que a favela, não existe à parte da sociedade. A polícia, de certa maneira, espelha a sociedade em que ela está inserida. Todo mundo tem seus problemas profissionais específicos, os professores falam muito que os policiais é que são violentos e etc, mas não existe polícia violenta em um país pacífico. Não existe polícia discriminatória em país democrático, em um país igualitário. Então a polícia sem dúvida reflete a própria estruturação da sociedade brasileira. Não impede que a gente tenha ligações pontuais, específicas com eles, por exemplo, de treinamento de policiais, que querem vir à academia e entender a própria história

da polícia, mas isso não resolve. Porque o nosso aluno aqui, o nosso oficial que pode estar convencido disso, que não é dando porrada em favelado, dando tiro em traficante que ele vai gerar mais segurança para a sociedade, ele chega lá no batalhão, e aí, o que acontece? Acontecem problema em Copacabana, um assalto, um tiro, uma bala perdida atinge alguém, sai em todos os jornais, a governadora fica histérica, aí ela fala com o secretário de segurança, o marido dela, e diz: “olha, está pegando mal esse negócio”. Ele liga para o comandante da PM: “olha, você tem que fazer alguma coisa”. Você não resolve os problemas sociais do dia para a noite, mas você bota polícia na rua em 5 minutos, você sobe o morro, ocupa, dá tiro, prende 2 ou 3, em 5 minutos. É isso que se faz, e o policial preparado vai fazer o que? Porque tem o comando político, a polícia militar não é autônoma, ela é comandada politicamente. Então, são os governantes que nós elegemos que ordenam a polícia militar a ter determinado tipo de política, uma política de resultados, vamos prender bandidos, vamos matar bandidos, não é a polícia só que quer isso. Os estudantes de história podem ter uma opinião sobre, mas a maior parte da população não sabe isso. Cerca de 25% da população de São Paulo aceita a tortura como método. Saiu isso na Folha São Paulo. Quantos não aceitam o extermínio, inclusive de menores?

Portanto, até um certo ponto, cada país, cada sociedade tem a polícia que merece. Como o diz o Hélio Luz, policial não pode deixar de ser corrupto, porque se ele deixar de ser corrupto a sociedade vai pedir a ele para ser. Ela quer que quando o filhinho dela for preso fumando maconha, você possa dar sei lá quantas dezenas ou centenas de reais, para o policial militar ou civil liberar, para não levar para a cadeia. Agora, se você prender na favela não tem problema, ou tem, mas aí é outra história, aí é com o tráfico, envolve mais recursos não interessa uma polícia que não seja corrupta, é a frase do Hélio Luz, e se ele é policial falou isso, por que eu vou falar diferente? A sociedade é tão culpada quanto essa parcela da sociedade que tem como ocupação profissional a polícia. Eu não culpo a polícia isoladamente, não digo a eles que não são culpados, porque eles também são culpados. Só que é deles a mão que executa, mas a mente é nossa, o governo é nosso.

Em determinado ponto do seu trabalho você fala da dificuldade de se alterar o modo de ver e agir da polícia, que certamente atinge toda a população carioca. Truculência e falta de inteligência parecem ser o nome desta organização, principalmente da PM do Rio. A construção desta imagem doentia da organização

militar (PM) também não pode ter vindo do processo de redemocratização do país? De um negativismo em relação à organização militar?

Eu acho que contribui, mas, com relação à resposta que eu estava dando, a imagem secular da polícia do Rio de Janeiro é essa. E a atuação da polícia é essa. A atuação da polícia é violenta, discriminatória, e isso eu pude confirmar com os próprios policiais. Eles mesmos me disseram que é comum existirem episódios desse tipo. Acontece que os oficiais, por exemplo, são uma parcela muito pequena da corporação policial militar. Os oficiais têm uma outra formação, a maioria deles tem curso de direito, ou curso de história, o próprio curso da academia de polícia militar há até pouco tempo era considerado um curso superior. O praça, cabo, soldado ou sargento, ele está inserido em uma outra estrutura, completamente diferente. O que eu poderia dizer, por um lado, é uma imagem que não é uma imagem falsa. A arbitrariedade policial não é falsa. Eu tenho notícia, conhecimento, e eu mesmo percebo isso muito claramente na atuação policial. Eu fui à Acari vários anos, continuo indo, agora com menos frequência, mas a única vez em que eu fui revistado em Acari foi a vez em que fui de bermuda. Quando eu fui em “trajes universitários”, calça

comprida, pinta de professor, jamais fui revistado! Mesmo estando na favela! Os próprios moradores da favela, mesmo dentro da favela, os policiais revistam mais negros do que brancos, então, a discriminação da polícia militar existe! O próprio Jorge da Silva, que já foi comandante da polícia militar e que é sociólogo, antropólogo, inclusive formado pela UFF, pelo programa de antropologia e ciência política, escreve no livro dele, *Violência e racismo no Rio de Janeiro*, que os policiais negros são mais duros com a população negra do que os restantes. Porque é uma corporação que desde o seu surgimento fez discriminação, a visão do negro como perigoso, e ela não desapareceu do inconsciente coletivo brasileiro, digamos assim. E a polícia vai refletir esse tipo de situação, eu não acho que a reputação da polícia seja injusta, agora, a parte disso, é bom dizer que não se pode generalizar absolutamente. Porque tive inúmeros alunos, oficiais da polícia militar, pessoas extremamente qualificadas, intelectualmente qualificadas, profissionalmente qualificadas. Inclusive, com muita vontade de mudar esse processo. Só que não é fácil, pois não é fácil mudar a corporação sem mudar a sociedade toda junto. Você tem um soldado, um cabo que vem de uma classe que já internalizou a idéia de que o pobre é perigoso, e ele é pobre, sempre foi e

ainda continua sendo pobre sendo um soldado da polícia militar, se não for corrupto, é pobre. Mas ele internalizou aquilo. Quando botam um sujeito para fazer uma blitz, o oficial diz para ele: “para um em cada quinze carros”, que é um dos procedimentos científicos lá, aleatório, o policial deveria parar sem nem sequer saber quem está dentro! Isso dá mais resultado, cientificamente falando. Você bota o soldado lá, o oficial cochila, e ela vai pegar uma Brasília caindo aos pedaços, ou então um carro ótimo, mas com um negro dentro, para perguntar: “qual é meu irmão, o que você está fazendo? Como é que você tem este carro?”. Então, o próprio policial pobre e negro age baseado no preconceito! Portanto, é bom não se generalizar, senão a gente exclui totalmente a possibilidade da polícia melhorar, esses que estão bem intencionados, bem preparados para transformar a polícia, serem capazes de transformá-la, mas não é fruto do regime militar também não. É fruto da atuação cotidiana da polícia militar. Não é aquilo que as pessoas do povo leram sobre a ditadura militar, é o contato cotidiano que eles tem com a polícia militar, e quem é pobre tem contato cotidiano com a polícia militar. A classe média, só em situação extrema, quem é pobre não, quem mora na favela, no conjunto habitacional, quem pega três ônibus para ir ao trabalho, esse cara tem contato

diário, então não é uma fama injusta, mas é injusto generalizar.

"Falar de Favela é falar da história do Brasil desde a virada do século passado. É falar particularmente da cidade do Rio de Janeiro na República, entrecortada por interesses e conflitos regionais profundos". Dentro deste panorama, como, em linhas gerais devido à complexidade do tema, pôde se formar a construção da cidadania carioca?

Existe a cidadania carioca? (*longa pausa*) Eu acho que não existe uma cidadania carioca. Eu acho que, em teoria, nós temos, na letra da lei, direitos iguais, entretanto, eu diria que apenas os direitos políticos são iguais, porque se nós dividirmos a cidadania em tipos de direitos ... direitos políticos, para todos os cidadãos que moram na cidade ou estado do Rio de Janeiro, são iguais, não é? Você tem alguns que, eventualmente, você é praça, você é conscrito, então você não pode votar, mas em uma situação temporária, todos têm direitos, aqueles que estão presos, e tal, não têm direito a votar, mas são cidadãos ainda. Apenas com o caráter de exercer direitos políticos, digamos assim, impedidos. Mas se você for ver, direitos civis: liberdades, liberdade de expressão,

Acari, na verdade, é um aglomerado formado por 3 favelas e um conjunto residencial, localizado a cerca de 25 km do centro do Rio de Janeiro. Em uma área equivalente a cinquenta campos de futebol, vivem quarenta mil pessoas. No imaginário urbano, desde a década de 1980, Acari tornou-se sinônimo de tráfico de drogas e violência, embora, no seu auge, os envolvidos no comércio de drogas representassem apenas 0,5% do total dos moradores. Estes, em sua maioria, são operários, serventes, carregadores do Ceasa, empregadas domésticas, biscateiros etc. Sobre as divisões internas de Acari e suas rivalidades, ver "Um bicho de sete cabeças" (Alvito, 1998).

liberdade de movimentação, quem mora em uma favela não tem esse direito ... liberdade? Diante do tráfico de drogas, ou da polícia, ou dos dois, entrando e saindo, disputando batalhas campais, vira e mexe? Não tem. Direito à segurança, à sua integridade física? Não tem. Porque tiros de AR-15, AK-45, de bazuca, não sei mas o que, furam até casa de alvenaria! Eu tenho esse direito, e quem mora em condomínio também, por mais que morra de medo da violência, e eventualmente sofra um assalto, ou até outra coisa, mas o índice de assassinato na Lagoa, no Jardim Botânico é o mesmo da Suíça! E se olharmos em determinadas favelas cariocas, o índice de assassinato e morte, de confrontos de traficantes com traficantes, de traficantes com a polícia, de traficantes matando moradores, ou a polícia, eventualmente, matando moradores, por engano ou arbitrariedade, é enorme, e você tem um índice igual a de lugares que estão em guerra! Não tem há estado de direito aí, não há uma cidadania igual. Isso falando nos direitos civis, se eu for falar nos direitos sociais, só pelo fato de eu ser morador de uma favela e de ser considerado favelado, eu não consigo emprego da mesma forma. Eu não estou nem falando da possibilidade que eu tenho, por exemplo, de freqüentar uma boa escola, de ter uma boa preparação, de ter acesso a internet, biblioteca e etc

... eu estou falando simplesmente em me registrar no meu trabalho ... se perguntam: "você mora aonde?" e respondem: "favela de Acari", se vocês quiserem, coloquem comunidade de Acari, comunidade carente de Acari, coloca o nome que quiser, mas não vão te dar o emprego! Aí, o cara mente, diz que ele mora em Coelho Neto, em Irajá, Pavuna, e por aí vai. Então, cadê a cidadania carioca? Com relação à aplicação de verbas, à véspera de eleição, vê-se uma série de obras na zona sul, particularmente na Lagoa, no Jardim Botânico, em lugares privilegiados. Se você para zona norte, não estou em dizendo para a favela, mas você vai andar quilômetros e quilômetros e não vai ver uma árvore plantada, você vai ver sinal de trânsito de madeira, que são da época quando eu nasci, da década de 60! Eles tem, portanto, mais de 40 anos e não foram modificados! Na alocação de verbas, porque são verbas públicas, eu estou oferecendo uma infraestrutura totalmente diferenciada da cidade, e você tem áreas da cidade que geram muito ICMS, porque não é só o IPTU, você tem o ICMS, e você tem áreas industriais, áreas com grandes concentrações de trabalhadores, que são áreas que geram riquezas para a cidade. E que não tem um tostão investido lá. Você tem toda uma grande área, por exemplo, da região próxima a Acari, que não tem aquilo que a prefeitura chama

de *bens culturais*. A existência, por exemplo, de uma biblioteca, ou de uma galeria de arte, ou de uma universidade, de um cinema, de um teatro, você tem toda uma enorme área, com dez, doze bairros, que só tem um bem cultural, que é uma biblioteca pública de Irajá, a biblioteca popular de Irajá. Naquela região de doze, quinze bairros, não tem um teatro, não tem um cinema, só tem

aquela biblioteca para atender aqueles bairros todos. Não tem uma iniciativa nem privada e nem governamental de cunho cultural, e depois ficam reclamando que os jovens só vão a bailes funk, mas é a única coisa que há! É baile funk e jogo de futebol! Tem o que mais? Não tem! Eu diria que a cidadania carioca é algo a se construir.